



Amós Oz: uma obra profética – um terceiro olho em prol de Direitos Humanos

Amos Oz: A Prophetic work – a third eye in support of Human Rights

Saul Kirschbaum*

Pesquisador independente | São Paulo, Brasil.

saul.kirschbaum@gmail.com

Resumo: A literatura profética, produzida pelos judeus em épocas bíblicas e incorporada na Bíblia judaica na porção *Nevi'im* (*Profetas*) do *Tanakh*, estabeleceu os alicerces para a formulação da ética judaica, assumindo a forma, geralmente, de reprimendas contra o povo e/ou governantes, denunciando desvios de comportamento e exigindo o arrependimento, o retorno à retidão; modernamente, esta função de fiscalização foi assumida não só pelo discurso propriamente político, mas também pela literatura de ficção; no moderno Estado de Israel, o escritor Amós Oz, há pouco falecido, foi um dos expoentes desta prática. Neste artigo procuraremos, através da análise de algumas de suas obras, mostrar o destaque dado por Oz a esse subgênero.

Palavras-chave: Ética. Direitos Humanos. Discurso profético. Amós Oz. Literatura Israelense.

Abstract: Prophetic literature, produced by Jews in biblical times and incorporated into the Jewish Bible in the *Nevi'im* (*Prophets*) portion of the *Tanakh*, laid the foundations for the formulation of Jewish ethics, generally taking the form of reprimands against the people and/or rulers, denouncing deviations in behavior and demanding repentance, a return to righteousness; in modern times, this function has been assumed not only by political discourse but also by fiction literature. In the modern State of Israel, the writer Amos Oz, who recently passed away, was one of the leading exponents of this practice. In this article, we will seek, through the analysis of some of his works, to show the prominence given by Oz to this subgenre.

Keywords: Ethics. Human Rights. Prophetic Discourse. Amos Oz. Israeli Literature.

A característica que define a boa literatura, ou arte, é a capacidade de fazer se abrir um terceiro olho em nossa testa. Que nos faça ver coisas antigas e batidas de um modo totalmente novo. [...] A grande literatura tem se posto nos

* Doutor em Letras pelo Programa Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Universidade de São Paulo (USP), possui pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



lugares e nas peles dos outros, estranhos, às vezes odiosos, seres humanos, dom Quixotes, os Iagos, os Raskolnikovs deste mundo. A literatura ruim não vai fazer se abrir um terceiro olho. Vai simplesmente repetir o que já sabemos, e nos mostrar apenas o que já vimos.

Amós Oz, Como curar um fanático (p. 13-14)

Introdução

“Profeta”, segundo o *Médio dicionário Aurélio*, é “indivíduo que prediz o futuro”. Na tradição judaica, no entanto, o *navi* não é um vidente, um adivinho, mas sim uma espécie de juiz ou fiscal, alguém que proclama ao povo e/ou aos governantes: “você estão se desviando do caminho correto, se não voltarem para o mandamento divino, para o eticamente justo, eis o que acontecerá! Ainda dá tempo, arrependam-se!”. A mensagem profética, portanto, é o alicerce sobre o qual se fundamenta a ética judaica, estatuinto “os direitos da viúva, do órfão e do estrangeiro”¹. Em resumo, estabelecendo e normatizando a observância dos chamados “direitos humanos”.

Esta função da profecia, desenvolvida originalmente em tempos bíblicos, pode-se dizer que foi retomada, em nossos dias, não apenas pelo discurso propriamente político, mas também pela literatura de ficção de orientação política. Amós Oz, A. B. Yehoshua, David Grossman, entre tantos outros escritores israelenses, podem ser considerados profetas pois dedicaram parte significativa de suas obras à crítica das relações sociais, econômicas e políticas vigentes no moderno Estado de Israel. Neste artigo, estudamos a presença de Amós Oz – grande escritor israelense há pouco falecido - na discussão dessas questões.

1. Apresentação

Passados quase 80 anos da fundação do Estado de Israel, algumas questões se impõem e exigem um esforço de reflexão. Em síntese: em que medida o Estado de Israel do século XXI corresponde ao sonho que nasceu no final do século XIX e se materializou por meio dos esforços e das lutas de umas poucas gerações de pioneiros, na primeira metade do século XX?

¹ Como, por exemplo, em Isaías, 1:17 – “Apreendei a fazer o bem, buscai a justiça, trazei alívio aos oprimidos, agi com justiça para com os órfãos, defendei a causa da viúva”



O povo judeu, desde o fracasso das tentativas de expulsar o invasor romano, tentativas que resultaram na queda do Segundo Templo e na destruição de Jerusalém², foi submetido a viver na diáspora, na condição de minoria no exílio. Nos dois mil anos que se seguiram, salvo episódios excepcionais e de curta duração, os judeus não contaram com autonomia política, não dispuseram de poderio militar, não gozaram de direitos civis iguais aos das populações entre as quais viveram; frequentemente, foram proibidos de “se misturar”, de casar com não-judeus. Foram impedidos de possuir terras e excluídos do exercício de diversas atividades econômicas e políticas. Tiveram seu acesso a universidades limitado por quotas estreitas. Em contrapartida, foram forçados a exercer funções naturalmente antipáticas, como as de coletores de impostos e usurários, ou periféricas a sociedades feudais agrícolas, como as de comerciantes e prestamistas, o que lhes granjeou o ódio das populações entre as quais viviam, o antissemitismo, a exclusão social. Na *Região de Assentamento* russa, o *Pale*³, maior concentração mundial de judeus no século XIX, uma quinta parte da população judaica vivia de caridade.

Os primeiros *olim hadashim*⁴, cuja visão de mundo se formara nas lutas sociais do leste europeu pré-revolução russa, idealizaram um Estado onde pudesse acontecer a tão

² Uma primeira rebelião resultou na destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 e.c.; a última tentativa judaica de se libertar do jugo romano, entre 132 e 135 e.c., liderada por Simon Bar Kokhbeh, teve como uma de suas consequências o exílio de grande parte do povo e a completa perda da autonomia política.

³ A *Zona de Assentamento* era uma região ocidental do Império Russo com fronteiras variáveis que existiu de 1791 até 1915, na qual a residência permanente de judeus era permitida e além da qual a residência judaica, permanente ou temporária, era em grande parte proibida. A maioria dos judeus ainda era excluída da residência em várias cidades dentro da Zona. Alguns judeus tinham permissão para viver fora da área, incluindo aqueles com educação universitária, os nobres, membros das guildas de mercadores mais abastadas e artesãos específicos. *Pale* é um termo arcaico que significa uma zona cercada. Fora da *Zona*, os judeus também tinham permissão para se estabelecer em certas colônias, como na Sibéria. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_de_Assentamento consultado em 31/01/2016. O *Pale* foi estabelecido em consequência da partilha da Polônia entre Império Russo, Áustria e Prússia, que teve como resultado que “do dia para o noite” um milhão de judeus poloneses se converteram em judeus russos.

⁴ Hebraico: Judeus que realizaram a *Aliyah* (“subida”, imigração para Israel), recebendo suporte governamental para integração, incluindo benefícios financeiros (“cesta de absorção”), aulas de hebraico (*Ulpan*), moradia e apoio ao emprego.



necessária “normalização” do povo judeu, onde os judeus pudessem ser “úteis”, ganhar seu sustento com as próprias mãos e exercer todas as atividades humanas. Criticavam nos judeus europeus a dedicação a ocupações não braçais, como comércio e finanças, sua incapacidade de exercer atividades físicas, como agricultura. Sonharam com uma sociedade justa, igualitária, sem distinções além do mérito de cada um.

No entanto, é importante observar o surgimento de um fenômeno novo: com o estabelecimento, em 1948, do Estado de Israel, todos aqueles aspectos negativos que haviam caracterizado a vida judaica na Europa foram de certa forma revertidos: agora, são os judeus que detêm o poder político, que monopolizam o direito ao uso da força militar e policial, que definem o conteúdo dos direitos civis; em princípio, um judeu ou uma judia pode casar com quem lhe aprouver. Porém, esta nova situação suscita o desafio de uma inversão de posições: serão os judeus israelenses capazes, no Estado que governam, na condição de população hegemônica, de não submeter suas minorias às exclusões a que eles, judeus, eram submetidos na diáspora? Aqui, devemos entender que o conceito de *minoría* não se aplica somente aos árabes face aos judeus. Fundado por imigrantes da Europa oriental e central, é compreensível que a elite de Israel seja de origem asquenazita; saberá o Estado receber e incorporar, em condições de plena igualdade, os judeus de outras origens, os sefarditas e os mizrahim?

A literatura, como observa Emmanuel Lévinas, “penetra nessa materialidade que [...] constitui o fundo obscuro da existência”⁵. É a literatura que permite, talvez melhor do que a sociologia ou a ciência política, abordar essas questões com a devida profundidade e em toda sua abrangência, pois trata de pessoas, de sentimentos individuais, e não só de grupos populacionais, lidando com aspectos que não aparecem em estudos estatísticos.

Amós Oz nasceu em 1939 em Jerusalém e faleceu em 2018, aos 79 anos. Professor de literatura na Universidade ben Gurion, vivia em Arad, cidade no sul de Israel, no deserto do Neguev. É o autor de literatura israelense contemporânea mais traduzido para o português e, talvez, também o mais apreciado pelos leitores brasileiros. Certamente o mais prolífico, responsável por uma obra extensa, abrangendo romances, contos, ensaios e livros para crianças e jovens, também publicou numerosos artigos sobre o conflito entre Israel e palestinos. Ficcionista e ensaísta, militante político da

⁵ Lévinas, 1998, p. 70.



esquerda israelense, ligado ao movimento pacifista *Shalom Ahshav* (Paz Agora)⁶, do qual foi um dos fundadores, fazer que ideias ou ideologias ganhem vida, esse foi sempre seu propósito.

A partir da década de 1970, Oz assume uma postura ativista crítica, apontando na imprensa escrita e televisiva sua posição a propósito dos rumos políticos do país. Autor de obras de caráter nitidamente político e ensaístico, como *In the Land of Israel* (1983), *How to cure a fanatic* (2002) [*Como curar um fanático*, 2016] e *Mais de uma luz* (2017), o homem político, não obstante, transparece também em sua ficção, de forma harmoniosa e engenhosa, conforme se pode ver em vários textos, principalmente em *Meu Michel* (*Mihael Sheli*), “O nômade e a víbora” (“*Nevadim vetsefa*”) e em *A Caixa Preta* (*Kufsa Shhora*), que analisamos adiante.

Podemos observar que um sentimento de perplexidade face ao *outro* perpassa sua obra; o *outro* de quem pouco ou nada conhecemos, que é percebido como uma ameaça em potencial e, ao mesmo tempo, como detentor de um mistério que nos fascina, enfim, que faz surgir em nós um misto de atração-repulsão. No conto “O nômade e a víbora”⁷ e nos romances *Meu Michel* e *A caixa preta*, por exemplo, a fábula não é o mais importante, mas serve funcionalmente para pôr em relevo esse sentimento ambivalente de atração-repulsão.

2. O nômade e a víbora

No conto “O nômade e a víbora”, publicado em 1965, o encontro de Gueula⁸ com um nômade “dotado de uma beleza repugnante”⁹ é uma espécie de epifania que leva a um limite intransponível o conflito entre o fascínio de ameaçadores instintos eróticos até

⁶ *Paz agora* é uma organização não governamental de esquerda sediada em Israel, cujo propósito declarado é alcançar a paz interna e externa para Israel. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Paz_Agora consultado em 31/01/2026.

⁷ Incluído na coletânea *Nas Terras do Chacal*, que reúne contos escritos entre 1962 e 1965, publicada em Ramat Gan, pela Editora Massada, em 1965. Posteriormente, os contos foram reescritos pelo autor e publicados pela Editora Am Oved, em 1976. Existe tradução deste conto para o português, in: *O Novo Conto Israelense* (coord., seleção, orientação das tradutoras Rifka Berezin). São Paulo: Ed. Símbolo, 1978.

⁸ Note-se que em hebraico a palavra “Gueula” significa “Redenção”. Voltaremos mais adiante à prática do autor de atribuir às personagens de seus textos ficcionais nomes com significado.

⁹ Oz, 1978, p. 60.



então reprimidos¹⁰ e uma fachada de vida tranquila em uma sociedade bem constituída, a instituição do *kibutz*¹¹. Conflito que só se resolve com a morte da personagem, picada pela víbora do título. Noutro plano, a chegada dos nômades acossados pela fome (aos quais pertence aquele indivíduo com quem Gueula se encontrou) também é uma epifania, que abala a auto-imagem dos *kibutzniks*, forçando-os a confrontar-se com sua convicção de serem “os portadores de uma nova mensagem social [a quem] cabe terminar esta antiga hostilidade”¹². Como diz o narrador, “indecifráveis para nós. Jamais chegaremos a penetrá-los”¹³. Em meio à reunião da diretoria do *kibutz* convocada com a finalidade de estabelecer um modo de relacionamento com os forasteiros, os membros jovens se retiram ostensivamente: com “as pupilas dilatadas pela excitação e o sangue fervendo nas veias”¹⁴, portando “varas curtas e grossas”¹⁵, estão a caminho de “realizar um ataque noturno aos selvagens e dar-lhes uma boa lição numa linguagem que realmente entendessem e à qual estavam acostumados”¹⁶.

Amós Oz publicou a primeira versão desse conto quando tinha 24 anos. Enfatizando sua já manifesta preocupação com as questões de direitos humanos, vale a pena observar que a tônica da narrativa é a questão da fome que assola os nômades, palavra repetida quatro vezes já na primeira página do texto.

É interessante assinalar a presença da minoria árabe nesse texto de Amós Oz, presença reprimida na primeira geração da literatura israelense.

O narrador¹⁷, que se identifica como membro do *kibutz* e participante da reunião, e que confessa ser incapaz de entender os caminhos da minoria, tem uma posição incerta,

¹⁰ Segundo o narrador, abordada pelo nômade, Gueula “fecha pudicamente o botão superior da blusa” (Oz, 1978, p. 59)

¹¹ Colônia agrícola coletiva baseada na posse comum da propriedade e dos meios de produção.

¹² Oz, 1978, p. 65.

¹³ Oz, 1978, p. 62.

¹⁴ Oz, 1978, p. 66.

¹⁵ Oz, 1978, p. 66.

¹⁶ Oz, 1978, p. 56.

¹⁷ Merece destaque na estratégia narrativa do conto que, num verdadeiro *tour de force*, o narrador, sempre onisciente, assume todas as posições narrativas possíveis: terceira, primeira e até mesmo segunda pessoa. O narrador em primeira pessoa, ou narrador-personagem, é aquele que participa ativamente da história e relata os acontecimentos sob seu próprio ponto de vista, utilizando pronomes como “eu” ou “nós”. Essa técnica



oscilante, tal como as hesitantes autoridades militares, pois “não se pode abandonar toda uma população, homens, mulheres e crianças, aos horrores da fome”¹⁸; este narrador-personagem expressa os pontos de vista da maioria israelense hegemônica: apesar de não estar convencido quanto à identidade dos ladrões que estariam surrupiando objetos de menor monta do *kibutz*, torna-se cúmplice do ato de vingança contra os nômades, alegando ressentimento: “Depois de uma ligeira hesitação, levantei-me também e saí atrás dos jovens. É verdade que não compartilhava de suas ideias, mas a minha palavra também fora cortada de modo arbitrário e ultrajante”¹⁹ na reunião.

O retrato apresentado no conto, indo além de distinções de ordem sexual ou étnica, mostra, de um lado, a alteridade das minorias, em termos de interesses concretos que podem chocar-se com aqueles da maioria; de outro, a encruzilhada em que se encontra o próprio Estado, devendo decidir entre uma posição monolítica que lhe permitiria ignorar e desconhecer o modo de vida, os motivos e os interesses das minorias, e uma posição igualitária, que no máximo resguardasse a estabilidade de uma maioria judaica, pela qual deveria explorar de modo ativo as possibilidades que lhe advém da existência das minorias e tratar de integrá-las em condições de plena igualdade. O conto aponta para uma aporia, uma paralisia quanto à decisão entre essas possibilidades. Uma espécie de “noite úmida, quente e enigmática”²⁰, expressão repetida três vezes na narrativa, impede que as partes tenham visão clara. Por isso, o narrador titubeia, a polícia é ambivalente em relação à “ocupação” dos nômades, a personagem feminina mal-entende o que lhe acontece, os nômades têm um comportamento dúbio em relação aos israelenses.

3. Meu Michel

Meu Michel, publicado em 1968, é outro texto em que Amós Oz põe em cena personagens árabes para confrontar a sociedade israelense com suas minorias e com seus sonhos de grandeza. Este romance foi exaustivamente estudado pela crítica

cria um tom íntimo e subjetivo, permitindo ao leitor acesso direto aos pensamentos, emoções e impressões do personagem, sem intermediação de terceiros. Um exemplo disso está no trecho “Depois de uma ligeira hesitação, *levantei-me* também e saí atrás dos jovens” (Oz, 1978, p. 66). O narrador em segunda pessoa, por sua vez, se manifesta em trechos como (Oz, 1978, p. 52): “Por fim, *você* volta as costas ao nômade e segue o seu caminho”.

¹⁸ Oz, 1978, p. 51.

¹⁹ Oz, 1978, p. 66.

²⁰ Oz, 1978, p. 56.



israelense na época de sua publicação porque nele já se encontra a exposição de contradições que marcará a obra posterior do autor, conferindo à sua ficção um forte pendor ideológico e político. É também uma das primeiras obras a propor uma reflexão profunda sobre a condição feminina no jovem Estado de Israel, cuja literatura abordava, até então, o coletivo, a vida no *kibutz*, o que atraiu leitores interessados em psicologia.

Hana é uma jovem israelense cuja vida é cindida entre a realidade de um casamento cinzento e prosaico e um desejo mórbido de realização através de situações oníricas, nas quais os protagonistas são dois gêmeos palestinos, Halil e Azis, seus amigos de infância, que depois da guerra de 1948 ficaram “do outro lado”. Em uma primeira leitura, há uma oposição entre, de um lado, a sociedade israelense, representada como uma sociedade alienante, que transforma as relações humanas em relações de compra e venda, que reduz o amor a um jogo de poder e posse e as relações familiares a pura alienação e, de outro, a mulher, que vive alienada nessa sociedade e busca refúgio em um mundo onírico, onde pode virtualmente se realizar com os heróis sonhados.

No entanto, essa oposição se revela aparente, pois a protagonista construiu seu mundo de fantasia de acordo com a escala de valores que rege o mundo “real”, e deixa-se conduzir por normas sociais interiorizadas, em vigor até mesmo em seus sonhos. O tema principal desses sonhos é o anseio por um amor absoluto, ideal. Porém, observando-se o relacionamento da protagonista com as demais personagens, nota-se a contradição entre discurso e ação: ela fala de amor mas pratica a dominação, de forma que o amor aparece identificado com poder.

Assim, em uma segunda leitura, a aparente oposição entre sociedade e personagem pode ser vista como uma construção analógica entre duas esferas que distorcem igualmente valores e sentimentos. As relações que a protagonista estabelece com os demais, não só em sonho como também na realidade, guardam certo paralelismo com o contexto nacional. Hana se revolta contra algumas normas sociais e contra os heróis socialmente aceitáveis da *Palmach*²¹, guerreiros fortes que dominam territórios do mesmo modo que dominam as mulheres (“[...] como saqueadores que se apossam de mulheres de uma cidade capturada” Oz, 1982, p. 14.), mas a ideia de conquista que ela conscientemente repudia – e esse é um dos fortes motivos que a fez escolher Michel como marido – é exercida por ela mesma tanto em sonho como na prática cotidiana.

²¹ Sigla hebraica de *Plugot Mahatz*. Organização de defesa judaica fundada em 1941 pela *Haganah* com o objetivo de na clandestinidade defender a Terra de Israel de qualquer ataque vindo das forças do Eixo.



A contradição entre discurso e ação na protagonista pode espelhar igual fenômeno na nação. O aspecto político desse paralelismo entre mundo privado e social aparece quando a crise pessoal de Hana coincide com a crise nacional da Guerra do Sinai (1956)²². Esses paralelos apontam para a distorção fundamental: a inversão do valor primordial (amor para Hana, redenção messiânica e sonho de um Terceiro Templo para muitos que a rodeiam, ou a construção de uma sociedade justa e igualitária) em seu oposto (poder e conquista para ela, guerra, ódio e vingança para os outros).

Os paralelos entre as duas crises aparecem no texto no âmbito da linguagem. Usam-se as mesmas palavras em relação aos dois conjuntos de acontecimentos; do ponto de vista da trama, o povo de Israel volta a seu cenário histórico-nacional, enquanto Hana volta em sonho para sua infância. O mesmo se pode dizer com relação à ruptura entre a aborrecida (para ela) vida cotidiana da mulher (compra de apartamento, casamento, nascimento do filho, etc.) e seus gloriosos sonhos não só com relação aos gêmeos árabes, mas também com relação ao mundo ilustrado dos *maskilim*²³, que são para ela lutadores que se rebelaram, em seu tempo, contra a realidade.

Esses e outros paralelos são técnicas narrativas empregadas por Amós Oz para expor os sonhos megalômanos nacionais à luz de certa ironia. A alienação onírica da protagonista seria parte e ao mesmo tempo reflexo do sonho distorcido de toda a sociedade.

Meu Michel pode ser considerado um “romance de Jerusalém”. No entanto, quase no final do texto o autor evidencia sua admiração pelo estilo de vida do kibutz (lembremos que o próprio Oz, aos quinze anos de idade, optou por viver em um):

²² A crise do Canal de Suez também conhecida como a Guerra do Sinai ou Guerra de Suez, foi um conflito bélico entre o Reino Unido, a França e Israel contra o Egito. A crise eclodiu quando o presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser, nacionalizou a Companhia do Canal de Suez em benefício da economia egípcia e em detrimento dos interesses estrangeiros de empresas privadas britânicas e francesas. Disponível em <https://humanidades.com/br/crise-do-canal-de-suez/> consultado em 30/01/2026.

²³ Hebraico, membro da *Haskalá*, frequentemente designada como *Iluminismo judaico*, foi um movimento intelectual entre os judeus da Europa Central e Europa Oriental, com certa influência sobre os da Europa Ocidental e do mundo muçulmano. Surgiu como uma visão de mundo definida durante a década de 1770 e seu último estágio terminou por volta de 1881, com o surgimento da *emancipação judaica*. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Haskal%C3%A1> consultado e 30/01/2026.



Chegamos a Nof Harim no fim da tarde. Pessoas com roupas limpas voltavam do chuveiro. O cabelo molhado e penteado. Toalhas pendiam de todos os braços. Crianças claras rolavam pelos gramados. Havia um cheiro de capim cortado. Irrigadores mecânicos lançavam água em todas as direções. Os reflexos do crepúsculo cintilavam nos pingos de água como um chafariz transbordante de pérolas multicoloridas.

[...]

Os membros de Nof Harim, do mesmo grupo que meu irmão, tinham por volta de trinta e cinco anos. Era um grupo enérgico que escondia sinais de responsabilidade atrás de uma fachada alegre. Havia neles algo de sólido e controlado. Como se estivessem sempre de bom humor e alegres por força de uma decisão tomada. Gostei deles. Gostei do lugar alto (Oz, 1982, p. 185).

Do ponto de vista da estratégia narrativa, Oz utiliza amplamente o recurso de atribuir às personagens nomes ou sobrenomes com significado, seja em hebraico ou iídiche, ou mesmo alemão. Assim, a família de Michel originalmente se chamava *Gantz* (p. 26), “todo” ou “completamente” em alemão, “*ganso*” em iídiche; no dia da proclamação da independência, por iniciativa do pai de Michel, o sobrenome foi mudado para uma palavra hebraica, *Gonen*, “*defender*”. Já a mãe de Michel se chamava *Tova* (p. 30), “Boa”, “Bondosa”, e o dono da loja onde Michel e Hana vão comprar uma faca se chama *Schwarz* (p. 38), “preto”; por sua vez, o sobrenome de solteira de Hana é *Grinbaum* (p. 38), “árvore verde”, e o nome de sua mãe era *Malca* (p. 40), “Rainha”. Por sua vez, Yair, filho de Michel e Hana, pode significar “iluminará” se escrito com a letra *alef*, ou “despertará”, se com *ain*. Essa lista poderia ir muito longe. As traduções são de minha autoria, espero não ter cometido erros.

Outro recurso interessante é a inclusão de personagens históricas; um exemplo é a referência ao professor Klausner (p. 31), intelectual real importante na história de Israel e, lembremos, o próprio tio-avô de Oz, cujo nome original era Amós Klausner; a mudança para Oz ocorreu em 1954, quando passou a viver em um *kibutz*. Ele próprio é um exemplo de nome com significado, pois Oz significa em hebraico “força” ou “coragem”

4. A caixa preta



A caixa preta, publicado em 1987, é romance epistolar²⁴ no qual o autor articula, com notável domínio técnico, o destino das personagens e as motivações políticas da sociedade israelense. O romance é composto de correspondências, 51 cartas e 56 telegramas que as personagens trocam entre si. Como numa peça de teatro, o narrador se oculta em benefício de suas personagens, que ganham o primeiro plano. A drástica redução da mediação diegética dá ao romance epistolar uma temporalidade essencialmente dramática. É também como o espectador de teatro que o leitor tem de montar, a partir das trocas de correspondências, a fábula do romance, seu enredo.

O título do romance alude ao desmoronamento do casamento de Ilana com Alexandre, evento equiparado a um desastre de avião, cujas causas são pesquisadas no conteúdo da caixa preta da aeronave acidentada. Como comenta Alexandre em carta para Ilana: “Acabou, Ilana. Xeque-mate. Como depois de um desastre de avião, sentamos e analisamos, por correspondência, o conteúdo da caixa preta” (Oz, 1993, p. 91-92). Entre as causas desse desmoronamento está a questão da paternidade de Boaz, não reconhecida por Alexandre.

Por que teria Amós Oz escolhido essa forma para o romance? Minha opinião, que privilegia um nível interpretativo, é que o autor quis dar voz aos diferentes segmentos da sociedade israelense (romance polifônico), porque ao mesmo tempo em que as personagens se constroem na e através da escrita, como figuras humanas complexas, elas também apontam para determinados segmentos da vida social e política do país. O romance dá a ver, na superfície, uma rede de relações conflitivas que atam uma família integrada por Alexandre Guideon, um importante intelectual, Ilana, sua ex-mulher, Boaz, o filho de ambos, criado durante sete anos como bastardo, e Michael Sommo, o novo marido de Ilana. Num plano subterrâneo, porém, corre uma trama paralela, e importa percebermos a existência de conflitos correspondentes em nível sócio-político, pois Sommo é um judeu oriental, de convicção religiosa e ideias de direita com relação ao “Grande Israel²⁵”, enquanto que Guideon, asquenazita, serviu o exército em posto

²⁴ Gênero literário narrado principalmente por cartas, diários, documentos e, modernamente, e-mails ou chats, criando uma sensação de intimidade, verosimilhança e vozes pessoais.

²⁵ Expressão com diversos significados bíblicos e políticos ao longo do tempo. É frequentemente usada, de forma irredentista, para se referir às fronteiras históricas ou desejadas do Estado de Israel. Existem dois usos principais diferentes para o termo *Grande Israel* – um que se refere mais especificamente à área internacionalmente reconhecida como parte do Estado de Israel, juntamente com as Colinas de Golã, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza; e uma segunda definição que se refere à região muito



elevado e se tornou um destacado pensador de esquerda, alcançando reconhecimento internacional; porém, transferiu-se para o exterior, metaforicamente abandonando Israel nas mãos da direita. De fato, em 1977 a direita chegou ao poder, com Menachem Begin - chefe político do Likud -, assumindo o cargo de Primeiro Ministro, que ocupou até 1983.

Ultrapassando, então, o marco da crítica das mazelas da sociedade israelense, o romance se configura como obra de tese, reconhecendo para cada minoria o direito à voz, direito que, note-se, sistematicamente foi negado ao povo judeu em sua longa errância diaspórica, sem que, no entanto, o autor esconda suas simpatias e antipatias – afinal, ele participava ativamente das lutas políticas em curso. As relações entre Sommo e Alex são representativas das relações étnicas entre asquenazitas e orientais, que no embate ideológico se posicionam como esquerda e direita. A esquerda mostra-se em baixa, e em seu lugar surge uma força nova, a força do judaísmo mediterrâneo, que acredita no “Grande Israel” e que está se preparando para substituir o Israel anterior. Mas, para mostrar que a situação é mais complexa, Sommo, em sua atividade política, opõe-se fortemente aos árabes, de forma que coexistem e se cruzam assimetrias intra-étnicas e inter-étnicas.

Já Boaz, o filho de Alex e Ilana e enteado de Sommo, não tem vontade de continuar a empreitada sionista nem se deixa seduzir pelos sonhos de grandeza da direita religiosa. Sonhador e idealista, sua participação no romance instaura uma quebra na ideologia sionista e uma prática amorosa de se enraizar no território que fora desbravado pelos pioneiros, como foi o caso de seu avô, sem nenhuma nostalgia do passado grandioso do Israel bíblico. Que cada um faça algo de construtivo, este é o seu lema. Sua posição frente aos árabes é a de que eles têm o direito de viver em sua terra, caso contrário, os judeus acabarão com os árabes e estes com os judeus, sobrando apenas escombros da Bíblia e do Alcorão, chacais e ruínas de um passado glorioso.

Não é por acaso que Boaz estabelece em Zihron Yacov, cidade fundada em 1882, no início da colonização judaica da Palestina na era moderna, longe do fanatismo de Jerusalém e do consumismo cosmopolita de Tel Aviv, uma comunidade ligada à terra e inspirada num estilo de vida primitivo, contrastando com o luxo e a modernidade perseguidos por Sommo, e ao alcance natural de seu pai, Alex. A comunidade de Boaz apresenta uma organização horizontal, e ninguém exerce autoridade sobre os demais.

maior que se estende do rio Nilo ao Eufrates. Disponível em <https://en.wikipedia-org.translate.google/wiki/Greater Israel? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt& x tr pto =tc> consultado em 30/01/2026.



Cada um tem autonomia para fazer o que quer, na hora que quer, ligando-se todos pelo empenho comum de uma construção coletiva.

É essa organização, onde há lugar para todos, até mesmo para Sommo, a matriz que ditará a forma deste romance de Amós Oz. Essa é a microcomunidade imaginada como modelo ideal da nação: uma instituição que concede voz a todos, a todas as representações de forças sociais e políticas de Israel, mesmo àquelas com as quais o autor não concorda.

O romance é ainda passível de uma leitura simbólica, na qual Ilana representa o Estado de Israel em face de seus possíveis caminhos alternativos, e as opções de esquerda, Alexandre, de direita, Sommo, e não polarizada de Boaz

Conclusão

Em 1951, refletindo sobre os pré-requisitos éticos que justificariam a existência do Estado de Israel, Emmanuel Lévinas, um dos maiores pensadores judeus do século XX, escreveu um pequeno ensaio que ilumina nossa reflexão: “Estado de Israel e Religião de Israel”. Neste texto, Lévinas se coloca a questão: “Mas a restauração do Estado de Israel será suficiente para uma vida política? E, se fosse uma vida do espírito, poderia conter o judaísmo?”²⁶. E conclui:

O importante do Estado de Israel não consiste na realização de uma antiga promessa, nem no início, que ele marcaria, de uma era de segurança material [...] mas na ocasião enfim oferecida de realizar a lei social do judaísmo. [...] Era horrível ser o único povo que se definia por uma doutrina de justiça e o único que não podia aplicá-la. [...] A oposição é entre aqueles que buscam o Estado para a [realização da] justiça e aqueles que buscam a justiça para assegurar a subsistência do Estado²⁷.

²⁶ “Mais la restauration de l’État d’Israel suffit-elle à une vie politique? Et, fût-elle vie de l’esprit, saurait-elle contenir le judaïsme?”. Lévinas, 1976, p. 303, tradução livre minha.

²⁷ “L’important de l’État d’Israël ne consiste pas dans la réalisation d’une antique promesse, ni dans le début qu’il marquerait d’une ère de sécurité matérielle [...] mais dans l’occasion enfin offerte d’accomplir la loi social du judaïsme. [...] C’était tous de même horrible d’être le seul peuple qui se définisse par une doctrine de justice et le seul qui ne puisse l’appliquer. [...] L’opposition est entre ceux que cherchent l’État pour la



Espero ter mostrado, nesta curta exposição, que a obra ficcional de Amós Oz, fazendo uso de ampla variedade de técnicas narrativas e através principalmente do recurso à criação de tramas paralelas entre o coletivo e o individual, se destaca pela insistência na exigência de justiça nas relações entre a maioria hegemônica e as minorias, como também nas relações com seus vizinhos palestinos. Em sua opinião, nenhuma solução de força, unilateral, será aceitável para resolver as questões de convívio entre judeus e árabes, entre asquenazitas, sefarditas e judeus orientais. Somente o diálogo aberto, com reconhecimento recíproco, com concessões justas de parte à parte, poderá finalmente construir Israel como uma sociedade aberta, igualitária e democrática.

À ficção de Amós Oz se aplica o comentário de Emmanuel Lévinas em “*Aimer la Thora plus que Dieu*” (1976, p. 201): “Acabamos de ler um texto belo e verdadeiro, verdadeiro como somente a ficção pode ser”²⁸. Enfim, uma obra capaz de abrir na testa do leitor o terceiro olho que, segundo o autor, é o principal atributo da boa literatura, propiciando o caminho para uma visão profunda das questões sociais, políticas e econômicas - éticas enfim -, ainda não resolvidas de forma satisfatória, em curso no Estado de Israel.

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel – *Difficile liberté: Essais sur le judaïsme*. Paris: Albin Michel, 1976.

----- *Da Existência ao existente*. (Tradução Paul Albert Simon e Ligia Maria de Castro Simon). Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 70.

OZ, Amós – “O nômade e a víbora” in *O Novo Conto Israelense*. (coord., seleção, orientação das tradutoras Rifka Berezin). São Paulo: Edições Símbolo, 1978.

----- *Meu Michel*. (Tradução Rifka Berezin, Sônia Boguchwal e Nora Rosenfeld). São Paulo: Summus, 1982.

----- *A caixa preta*. (Tradução Nancy Rozenchan). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

----- *Como curar um fanático: Israel e Palestina entre o certo e o certo*. (Tradução Paulo Geiger). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

justice et ceux que chechent la justice pour assurer la subsistance de l'État”. Lévinas, 1976, p. 305-6, tradução livre minha.

²⁸ “Nous venons de lire un texte beau et vrai, vrai comme seule la fiction peut l'être”. Tradução livre do autor.



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Enviado em: 02/04/2026

Aprovado em: 30/04/2026